

Destruição de avião-radar explicita fragilidades dos EUA na guerra

Irã se aproveita de falhas defensivas como falta de hangares reforçados do rival

A destruição de um precioso avião-radar Boeing E-3 Sentry dos Estados Unidos, atingido por um míssil iraniano em uma base na Arábia Saudita, explicita novamente fragilidades da maior potência militar da história no atual conflito com a teocracia de Teerã.

Isso ocorre mesmo com o Irã sendo bombardeado duramente pelos EUA e por Israel há pouco mais de um mês, o que é testemunho da capacidade adaptativa do país após ter sofrido na mão do Estado judeu durante a guerra de 12 dias do ano passado.

Sob pressão intensa e sem capacidade defensiva para derrotar os adversários, manteve capacidade de lançar retaliação com mísseis em lançadores móveis e drones, e segue causando estragos aos agressores.

O caso do E-3, atingido na base de Prince Sultan com outros três aviões de reabastecimento KC-135 Stratotanker na sexta-feira (27), é exemplar. A unidade militar não tem hangares reforçados de concreto, e as aeronaves foram atacadas ao ar livre.

No Bahrein, imagens de satélite mostram danos a proteções simples numa base onde ficavam aviões de patrulha marítima P-8 Poseidon, mas não se sabe se algum foi danificado.

É um problema da era dos drones. Na Guerra da Ucrânia, tanto Moscou quanto Kiev viu seus caças e bombardeiros virarem alvos fáceis para aparelhos simples operando a centenas ou milhares de quilômetros de suas bases.

Gambiarras pontuais foram adotadas, como a pintura de aviões falsos no chão de pistas e o em-



Frans Berkelaar via Wikimedia Commons

Conflito mostra que Irã se adaptou após sofrer na guerra de 12 dias com Israel no ano passado

prego de pneus sobre as asas de bombardeiros Tu-95 na Rússia — o padrão visual confunde os sensores de drones.

O caso do E-3 é especialmente dramático. Este é o principal modelo de alerta antecipado e controle da Força Aérea americana, que só tinha 16 deles disponíveis — antes da guerra iniciada há um mês, ao menos 6 foram deslocados pra Prince Sultan. Nunca um havia sido perdido devido a fogo inimigo.

O avião com número de cauda 81-0005, que havia sido identificado como baseado em Prince Sultan antes, teve a seção traseira e o radar destruídos no ataque.

Os danos estavam claros em fotografias geolocalizadas que circularam em redes sociais no fim de semana e imagens de satélites chinesas, divulgadas tanto pelo Irã quanto por canais comerciais de Pequim.

A base de Prince Sultan fica a cerca de 500 km da fronteira mais próxima do Irã, colocando-

a facilmente na mira de mísseis balísticos de alcance intermediário da teocracia e de drones. Nesta guerra, ao menos 14 militares americanos já foram feridos em ações anteriores no local.

O E-3 é responsável por controlar o espaço aéreo e coordenar ação de caças e bombardeiros em um raio de 400 km. É uma aeronave antiga, com 70 unidades produzidas de 1977 a 1992, baseada no Boeing-707. Estima-se que cada um custe algo até US\$ 500 milhões (R\$ 2,6 bilhões) com modernizações.

Ele não tem substituto imediato na Força Aérea. O modelo mais recente que deveria entrar em operação no seu lugar, o Boeing E-7 Wedgetail, foi vendido a alguns aliados, mas não chegou a ser comprado pelos EUA ainda.

A perda do E-3 se soma à destruição de radares importantes dos EUA em bases na Jordânia, Qatar e Emirados Árabes Unidos, no começo da guerra, sina-

lizando que os iranianos sabem bem os alvos que procuram.

Aqui, o problema maior é da defesa antiaérea, que sofre para lidar com enxames de drones ou com ataques de mísseis balísticos com saturação, ou seja, vários projéteis caindo ao mesmo tempo contra um determinado ponto.

O conjunto de baixas de radares em solo e no ar pode limitar a coordenação de algumas ações aéreas, mas isso não é mensurável até agora. De todo modo, não se trata de declarar que o Irã venceu ou algo assim: na primeira Guerra do Golfo, em 1991, os vitoriosos EUA perderam 75 aviões, 42 deles em combate.

Até aqui, no atual conflito e antes da sexta, dois KC-135 haviam se chocado no ar sobre o Iraque, e um deles caiu, matando os seis tripulantes. Além disso, houve o abate de três F-15E por um piloto do Kuwait em aparente erro ainda em apuração e um caça F-35 foi atingido de forma inédita sobre o Irã, mas segundo Washington conseguiu pousar num país vizinho.

Diferentemente de outros episódios em que perdas graves foram anunciadas, o Comando Central das Forças Armadas dos EUA não disse que a alegação era falsa — tampouco a confirmou.

Por evidente, são danos incomparáveis à destruição das capacidades aéreas e antiaéreas do Irã na guerra, além da decapitação de sua elite política e militar.

Nesta segunda (30), Teerã confirmou a morte de Alireza Tangsiri, o chefe naval da Guarda Revolucionária responsável pelo fechamento do estreito de Hormuz. Seu assassinato havia sido anunciado por Israel na quinta (26).

A exposição dos alvos americanos e o bombardeio a contágotas contra Israel e aliados dos EUA no golfo viraram ponto de venda de Teerã.

O chefe do Parlamento, Mohammad Ghalibaf, disse na sexta que a eventual operação terrestre contra seu país enfrentará problemas de saída: “Se vocês não conseguem proteger soldados em suas bases, como os protegerão em nosso solo?”

É retórica, mas calcada na realidade. Diversos relatos indicam que Donald Trump pode agir para tomar o terminal petrolífero da ilha de Kharg ou ilhotas em Hormuz, visando reabrir o estreito por onde passam 20% do óleo e gás natural liquefeito do mercado em tempos de paz.

Qualquer opção sugere baixas e sucesso militar incerto, mas as primeiras tropas para ações terrestres já chegaram ao teatro de operações, em número bem reduzido.

Por Igor Gielow (Folhapress)

Xi Jinping receberá a líder da oposição de Taiwan

O líder do regime chinês, Xi Jinping, convidou a líder da oposição do parlamento de Taiwan, Cheng Li-wun, para uma visita a Pequim entre os dias 7 e 12 de abril. A política, que é presidente do partido Kuomintang, aceitou.

Cheng irá liderar uma delegação para a visita à capital chinesa e às cidades de Xangai e Jiangsu, sendo esta a primeira vez que ela vai ao país desde que tomou posse em novembro. Será a primeira visita desde a ida do então presidente do território e membro da sigla, Ma Ying-jeou, em 2015.

Song Tao, chefe do Escritório de Trabalho de Taiwan do Comitê Central do Partido Comunista Chinês, afirmou que o convite foi feito para estreitar as relações entre os dois lados do estreito após a política

expressar o desejo de fazer a viagem.

O regime chinês sustenta que Taiwan, que tem um presidente democraticamente eleito, é parte inalienável de seu território. Pequim não informou se a líder será recebida por Xi, embora tenha anunciado que o convite partiu dele e do Politburo.

Segundo nota publicada pelo partido, Cheng agradeceu e declarou aceitar o convite com prazer. Disse ainda que “no momento, a situação entre os dois lados [do Estreito] é de forte tensão e risco militar”, e que ela quer criar uma atmosfera diferente, demonstrando a alta expectativa de todos em relação à paz.

O Kuomintang atualmente detém maioria no parlamento taiwanês e é o mesmo partido que governou a China antes da fundação da repú-

blica popular, em 1949, quando os comunistas conquistaram o país e a sigla teve que recuar para Taiwan.

Ao contrário da posição do Partido Democrático Progressista, do presidente da ilha Lai Ching-te, o Kuomintang é contrário à independência de Taiwan e favorável à política de “um país, dois sistemas” proposta por Pequim para a unificação.

A visita ocorrerá em um momento em que Lai tenta convencer os parlamentares a aprovar um gasto adicional de US\$ 40 bilhões em defesa. Os membros da oposição seguem bloqueando o aumento, alegando que não está clara a necessidade do aporte e que não assinarão “cheques em branco”.

Por outro lado, o partido também afirma que apoia o fortalecimento das defesas, e autorizou neste

mês, por exemplo, que a liderança do território assine com os Estados Unidos um pacote de compra de armas no valor de US\$ 9 bilhões.

O pacote faz parte de uma venda maior, de US\$ 11 bilhões, aprovada pelos EUA em dezembro, e inclui mísseis antitanques, sistemas de lançamento múltiplo de foguetes e obuseiros autopropulsados.

Cheng visitará Pequim pouco antes de o presidente, Donald Trump, realizar sua própria visita de Estado. Taiwan é um dos temas que tem permeado as mesas de negociação entre Trump e Xi, e é esperado que os líderes conversem sobre o apoio americano à ilha.

Os EUA não reconhecem a ilha como país soberano, mas são seus principais apoiadores, sobretudo pelo papel estratégico do Estreito

de Taiwan e de indústrias sensíveis presentes no território, como a de semicondutores.

A visita também ocorre em um cenário em que Pequim tem afirmado preferir alcançar a reunificação de forma pacífica, mas sem abrir mão do que chama de “direito” de utilizar a força, além de manter exercícios militares ostensivos constantes ao redor da ilha.

Um dos exemplos recentes foi a oferta de segurança energética feita pelo regime chinês a Taipé. Com a Guerra do Irã, a ilha corre risco de sofrer escassez de petróleo e gás em decorrência do fechamento do Estreito de Ormuz. Assim, a China ofereceu cobertura em troca de reunificação. A proposta foi recusada.

Por Victoria Damasceno (Folhapress)